

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SABER TRADICIONAL: O DIÁLOGO PARA CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA

Éder Batista da Silva (1); Maria Aparecida Tenório S. da Costa (2)

(1) *Universidade Federal Rural de Pernambuco, eder7bs@gmail.com;* (2) *Universidade Federal Rural de Pernambuco, aparecidacosta@hotmail.com.*

Introdução

O presente texto traduz-se num recorte de uma pesquisa em desenvolvimento que tem por finalidade analisar a dialogicidade entre a extensão rural e a educação ambiental na promoção de mudanças sociais e desenvolvimento local na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, zona rural do município de Salgueiro – PE. Neste sentido, o referido recorte tem como objetivo específico analisar o processo de construção dos saberes na comunidade quilombola através do diálogo do conhecimento tradicional construído pela comunidade quilombola estudada e a educação ambiental.

A partir do entendimento de que a educação exerce um papel fundamental na compreensão identitária desses sujeitos, que permite compreender a construção de suas formações social, ética e moral, este processo investigativo busca, ainda, identificar como o processo de construção das práticas educativas da referida comunidade contribui para o fortalecimento da autonomia dos seus integrantes e como isso auxilia na redução e/ou quebra da dependência desses sujeitos das ações governamentais de cunho exclusivamente assistencialista, possibilitando então novas formas de compreensão e utilização de maneira sustentável de seus territórios.

A assimilação de processos educativos pautados na promoção do diálogo e que despertem o sentimento de pertencimento dos integrantes da referida comunidade quilombola, possibilita que se identifique o nível organizacional cultural e político em que esta comunidade se encontra, bem como a relevância da educação ambiental nesse processo de empoderamento dos sujeitos na construção do desenvolvimento local.

Metodologia

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, onde os dados estão sendo coletados através da análise documental e da realização de entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos da investigação são educadores das escolas da comunidade quilombola e representantes de núcleos de juventude e educação da citada comunidade.

A técnica da análise documental foi utilizada para compreensão do conceito de sustentabilidade, a luz dos pressupostos adotados na educação quilombola, com intuito de melhor compreender como se dá o processo de construção do desenvolvimento local da própria comunidade através das ações de educação ambiental.

A sistematização, descrição e a análise das informações colhidas através de documentos e discursos dos sujeitos pesquisados tem como alicerce a Análise do Discurso – AD, onde os discursos estão sendo organizados e analisados, por meio do estabelecimento de seus sentidos. Dessa forma, são considerados como discurso as falas dos sujeitos entrevistados, bem como os seus gestos e silêncios, além dos discursos contidos nos documentos analisados.

Para fundamentar a AD, adotou-se os aportes epistêmicos apresentadas nas perspectivas de Foucault (1996) sobre a ordem a que o discurso obedece; Dijk (2008) sobre o poder do discurso; Orlandi (2007) sobre o discurso e o poder do silêncio; e Couto, Couto e Borges (2015) sobre o discurso ecológico, que trazem um apanhado geral de concepções que embasam a análise crítica do discurso.

Os aportes teóricos e epistêmicos para a compreensão dos objetivos dessa pesquisa estão fundamentados nos estudos de pesquisadores da: educação e extensão popular (GOHN, 2010; GRACIANI, 2014; NETO, 2014; CANANÉA, 2017); da educação ambiental como demanda social (FIGUEIREDO, 2007; CARVALHO, 2008; 2012; LUZZI, 2012); do projeto político quilombola como instrumento de sustentabilidade desses territórios (LEITE, 1999; 2008); da ecologia de saberes como diálogo entre o saber tradicional e a educação convencional (SANTOS, 2008; BRANDÃO, 2013); e da sustentabilidade ambiental dos territórios e construção do desenvolvimento local (BUARQUE, 2008; LEFF, 2009; SACHS, 2009; KRONEMBERGER, 2011; ULTRAMARI e DUARTE, 2012).

Resultados e Discussão

No cenário atual de crises sociais e ambientais existente no país, faz-se necessário repensarmos as relações de construção de conhecimentos com os sujeitos do campo, sobretudo daqueles que se enquadram na categoria de povos tradicionais. A ideologia que impõe regras e normas através de modelos prontos de educação, comumente exclui e impossibilita outras formas de construção de conhecimento que tenha como pressuposto os saberes de comunidades tradicionais, que historicamente foram cerceadas dos conhecimentos que produziram pela ação da lógica colonizadora, que é excludente e marginalizadora.

Como primeiros achados do processo investigativo, a referida comunidade quilombola apresenta diversos saberes tradicionais que caracterizam sua identidade social e cultural, a manutenção territorial e a exploração dos recursos naturais de maneira sustentável, etc., Taís saberes podem ser evidenciados através da diversidade cultural encontrada na comunidade e do esforço cotidiano da comunidade para superação das pressões externas, que constantemente tentam imputar aos sujeitos da comunidade a auto negação identitária de sua cultura e valores territoriais.

O esforço contínuo da comunidade em salvaguardar sua cultura, pode ser compreendido como uma tentativa de contraposição às ações da sociedade capitalista atual, que tende a excluir o diferente e padronizar toda e qualquer forma de produção cultural de vida. Assim, recorrendo a Arroyo (2012, p.104) compreende-se essa questão como: “a cultura é mais do que produto e ato. É modo de produzir. É hábito cultural, ético, intelectual, não só objeto produzido e preservado e ensinado às novas gerações”.

A partir desta compreensão, pode-se afirmar que ideia de que os processos de construção dos conhecimentos devem ser apoiados também nos saberes tradicionais das comunidades de povos tradicionais, ou seja, a partir da realidade vivenciada pelos sujeitos e do acúmulo de suas vivências que é algo verdadeiro e urgente para a garantia da manutenção dos valores sociais e culturais de utilização dos seus espaços de vida. Aqui, estabelece-se então um contraponto com as formas dos processos educativos convencionais que são adotados pelo Estado e massificado para a sociedade, processos esses que insistem em deslegitimar os saberes tradicionais e priorizar um modelo de “construção” (transmissão) de conhecimentos de forma não dialógica, que não se propõe a formação crítica dos sujeitos.

Para Figueiredo (2017, p. 47) se desejamos compreender melhor a construção dos saberes tradicionais é “[...] é fundamental ir até as raízes culturais de grupos sociais que a

partir de sistemas cognitivos próprios, desenharam modos de vida baseados na sustentabilidade social, econômica e ecológica [...]”.

Nesse sentido, o diálogo entre a educação que se desenvolve nos diversos espaços educativos de uma comunidade tradicional quilombola é fundamental para a construção de um processo de desenvolvimento local, que possa ser considerado sustentável e preze pelo respeito à identidade e aos conhecimentos acumulados pelos sujeitos dessa comunidade ao longo das gerações.

Convém ressaltar que o processo formal de educação tradicional adotado no país, em termos gerais, tende a excluir os saberes acumulados pelos povos tradicionais, daí então a importância da educação voltada para a realidade dos povos de comunidades tradicionais, com professores e educadores sociais oriundos da própria comunidade, ou que tenham uma formação específica para atuar nesses contextos sociais. Tais profissionais necessitam ter conhecimentos mínimos de pedagogia da complexidade, pois precisarão dialogar com a realidade dos espaços territoriais nos quais a escola e/ou outros espaços educativos estejam inseridos.

Para Sorrentino (2012, p. 22) a pedagogia da complexidade exige “o diálogo entre saberes, cores e sabores”. O autor ainda define a pedagogia da complexidade como sendo o hábito de “[...] aprendermos com a realidade; despirmo-nos dos preconceitos e das teorias prontas [...]” (p. 23). Esse diálogo defendido pelo autor, pressupõe que os processos culturais da referida comunidade quilombola sejam compreendidos como manifestações potencialmente capazes de contribuir para o processo de desenvolvimento local da comunidade, na medida em que potencializa a formação crítica dos sujeitos da comunidade.

Nesse sentido, Funari, Mendes e Silva (2017, p. 183) ao parafrasearem Paulo Freire, afirmam que o diálogo “pressupõe troca, uma relação de sujeitos iguais, ambos educadores e educandos, ou seja uma relação horizontal em que nenhum é melhor ou mais que o outro e todos são possuidores de conhecimentos, científica ou socialmente construídos”. Portanto, o diálogo da educação ambiental com as realidades vivenciadas pelos sujeitos possibilita a comunidade quilombola não só uma formação voltada para a manutenção dos recursos ambientais, mas também uma consciência política de seus papéis enquanto sujeitos sociais no processo de sustentabilidade socioambiental dos sujeitos do campo.

Conclusões

Os saberes encontrados na comunidade quilombola denotam a construção de espaços de reflexão e diálogo acerca dos aspectos socioambientais da comunidade, que podem ser traduzidos numa tentativa de manutenção de seus aspectos de identidade e culturalidade. Nesse aspecto, a educação ambiental, aqui inserida nos diversos espaços formativos da comunidade, possibilita o desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos da comunidade, na medida em que esta se propõe a questionar a visão hegemônica de mundo na sociedade capitalista, buscando novas possibilidades de enxergar o território da comunidade quilombola a partir da valorização das distintas concepções de mundo de seus integrantes, e valorização dos aspectos e peculiaridades locais.

Contudo, nas diversas atividades cotidianas da comunidade, ainda se faz necessário o estímulo e valorização das práticas educativas que almejam alcançar melhorias sociais e culturais, principalmente por meio de ações que promovam melhorias na qualidade de vida dos sujeitos e estímulo à integração entre os indivíduos das diversas gerações dentro da própria comunidade.

Assim, torna-se imprescindível o estímulo das práticas educativas para a comunidade, buscando intervenções conjuntas, que visem melhorias por meio de ações que estimulem a qualidade de vida e a concepção sociopolítica dos sujeitos. Essa valorização é percebida na identidade dos quilombolas quem compreendem melhor suas concepções ideológicas para convivência com a região semiárida, na qual estão inseridos. Nesse momento, o sentimento de pertencimento e valorização do seu espaço de vida sai da esfera da educação formal e acompanha os sujeitos ao longo de suas novas caminhadas de vida.

Aqui a educação ambiental em diálogo com os saberes locais e os pressupostos da educação quilombola, deixa de ser ideologicamente condicionada pela concepção desenvolvimentista de cunho puramente econômico, que precifica as relações sociais de vida. Esta nova concepção de mundo através da educação ambiental, dentre outras práticas educativas da comunidade quilombola, produz saberes e cultura ligados ao seu ambiente de vida e/ou território.

Nesse sentido, como já defende Santos (2008) os processos sustentáveis gerados no seio da comunidade quilombola não só visibilizam as alternativas de construção de conhecimento crítico, com possibilidade de ações concretas para o desenvolvimento social e ambiental possíveis.

O desafio posto à educação ambiental, que não deve ser compreendida com a única e exclusivamente, como a salvadora da nação, mas sim como uma possibilidade de construção de conhecimentos de maneira dialógica, como defendia Freire (1996).

Referências

- ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Saber para si, saber com os outros. In.: SORRENTINO, Marcos (Org.). **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências**. Curitiba: Appris, 2013. 499p. p. 89 - 107.
- BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. 4.ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 180p.
- CANANÉA, Fernando Antônio Abath Luna Cardoso. Saberes da vida e a construção do conhecimento. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro ... [et al.] (Orgs.). **Extensão popular: caminhos em construção**. João Pessoa – PB: Editora CCTA, 2017. 242p. p. 215 – 240.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 3. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- _____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- COUTO, Hildo Honório; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Análise do discurso ecológica – ADE**. Coleção: Linguagem e Sociedade, v.9, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008, 281p.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. 395p.
- FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra. Agroecologia e conhecimentos tradicionais: um olhar sobre experiências de povos e comunidades. In.: FIGUEIREDO, Marcos Antônio

Bezerra; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; FONSECA, Flávio Duarte da (Orgs.). **Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais e academia.** Recife: UFRPE, 2017. 255p. p. 47 – 69.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 3. ed. - São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNARI, Juliana Nascimento; MENDES, Rozeane Maria; SILVA, Kleiton Bueno Bezerra da. Agroecologia e quilombolas de Conceição das Crioulas: traçando um diálogo de saberes. In.: FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; FONSECA, Flávio Duarte da (Orgs.). **Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais e academia.** Recife: UFRPE, 2017. 255p. p. 181 -187.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social.** São Paulo: Cortez, 2014.

GOHN, Maria Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época, v. 1)

KRONEMBERGER, Denise. **Desenvolvimento local sustentável: uma abordagem prática.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v5n10/0104-7183-ha-5-10-0123.pdf>>. Acesso em 18 Mai. 2018.

_____. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas**, vol. 16, n. 3, p. 965-977, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/15.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** 7. ed. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

LUZZI, Daniel. **Educação e meio ambiente: uma relação intrínseca.** Barueri, SP: Manole, 2012.

NETO, José Francisco de Melo. **Extensão popular.** 2. ed. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. 122p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Org.: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 96p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: Para uma Nova Cultura Política.** Coleção: Para um Novo Senso Comum, v. 4, 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SORRENTINO, Marcos. Educação Ambiental e pedagogia da complexidade. In.: DOURADO, Juscelino; BELIZÁRIO, Fernanda (Org.). **Reflexões e práticas em educação ambiental: discutindo o consumo e a geração de resíduos.** São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

ULTRAMARI, Clovis; DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento local e regional.** Curitiba: Inter Saberes, 2012.